

Indagações sobre a concepção de cenário em Terapia Ocupacional

Autor

Luiz Gonzaga Pereira Leal

Terapeuta Ocupacional, professor do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Endereço

Rua Francisco da Cunha – 1910/2002-A – Boa Viagem.

CEP 51.020-041 – Recife – PE – Brasil

Fone: (81) 326-0206

Resumo

O autor propõe uma reflexão acerca do aqui denominado cenário terapêutico ocupacional no que se refere especificamente à clínica da psicose, bem como às cenas ali deflagradas.

Palavras-chave

Terapia Ocupacional – Cenário Terapêutico – Ritual Terapêutico

*“Tempo-Tempo-Tempo-Tempo
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos.”
(Caetano Veloso)*

I - Uma breve introdução

Este trabalho tem sua origem em reflexões sobre o que convencionalmente se designa “sala ou setor de Terapia Ocupacional”; estaremos aqui tentando avaliar este “Lugar-Espaço” enquanto detentor de potencialidades que lhe assegurem atributos terapêuticos.

Convém ressaltar que pouca importância tem sido atribuída a este “Lugar-Espaço” no sentido de reconhecê-lo enquanto “continente” que possa favorecer e abrigar uma experiência, que, por assim dizer, possa converter-se em “experiência retificadora”. Pelo menos é isso que genericamente visualiza-se como objetivo, em se tratando de cuidados a pacientes psicóticos.

Nas instituições, este “espaço-lugar”, via de regra, não é posto e entendido como objeto de primazia e prioridade. Constitui-se sempre numa “Cavidade escura” – porque sombria, fria, contendo pedaços e restos, objetos ali colocados de forma mais ou menos aleatória, sem refletir-se sobre a importância e função que podem assumir no processo terapêutico ocupacional. Espaço anatomicamente deficiente, aleijado, deformado, produzindo assim um impacto em quem nele adentra. Torna-se então objeto de recusa e afastamento, porque amedontra, assusta, apavora.

É neste “espaço-lugar” abrigador que os Terapeutas Ocupacionais buscam e insistem em exercer seu ofício, cuja essência reside em favorecer ao paciente um reinvestimento na realidade externa, através do qual uma construção possa se processar, via o fazer, o experimentar, o fabricar. Esse “espaço-lugar” carece de uma materialidade que o sustente, delimite, demarque, para assim apresentar-se enquanto espaço significativo. Este fazer implica, no entanto, vivências e revivências de rituais, ou melhor, o contato com um espaço-tempo que se distingue assim de outros sem significação, porquanto vividos sem a delimitação, que o defina como personalizado e organizado em função de sua finalidade terapêutica.

II – Terapia Ocupacional – uma conceitualização a ser pensada

*“Tempo-Tempo-Tempo-Tempo
vou te fazer um pedido.”
(Caetano Veloso)*

A Terapia Ocupacional, ao longo de sua trajetória, tem sido conceituada, portanto, das mais variadas formas. Isto denota a pluralidade deste campo.

Porém, parece-me oportuno pensar sobre o que certa vez um paciente me disse sobre o que significava para si a Terapia Ocupacional: “A Terapia

às horas, e se apaixonar por aquilo que a gente faz. Na Terapia Ocupacional fazemos coisas para os outros verem e gostarem. As horas na Terapia Ocupacional passam mais rápido”.

O que o paciente Antonio Roberto expressou pode ser lido através de várias ópticas e vertentes. Contudo, no seu depoimento, fica evidente a experiência subjetiva de representação do “fazer” inserido na dimensão do espaço e do tempo, que por sua vez definem um contexto a ser enfrentado. Neste confronto o paciente arrisca-se a viver emoções através das quais o indivíduo não se limita à contemplação solitária de si, mas é também contemplado no que diz, no que exerce e no que faz. Nesta dimensão, o monólogo converte-se em diálogo, o singular converte-se em plural, o um converte-se em uns, o que apresenta fixo vai ganhando movimento, e o que se era errante gradativamente vai tomando o seu devido lugar.

A atividade inserida na ordem de espaço e tempo define assim um contexto, que, regido por normas previamente estabelecidas em consenso, por aquele(s) que dela participa(m) passa a ocupar um lugar qualitativamente distinto das mesmas atividades quando realizadas no cotidiano.

A íntima ligação com noções de obrigação e dever confere ao exercício da atividade em Terapia Ocupacional um movimento, uma dinâmica, uma regularidade, imprimindo-lhe assim “caráter ritual”, estabelecendo portanto uma união ou mesmo uma comunhão, ou pelo menos uma relação orgânica entre paciente e terapeuta podendo o primeiro confundir-se, ora com a pessoa do terapeuta ora com o coletivo, que são dados no início como dissociados.

Fica assim evidente a contraposição de “Espaço-Tempo-Atividade” que encerra “significações” e “Espaço-Tempo-Atividade” desprovido de sentido, identificado com a desordenação.

III – Cenário de Terapia Ocupacional no que pode comportar

“Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-mos
Num outro nível de vínculo
Tempo-Tempo-Tempo-Tempo.”
(Caetano Veloso)

Quando se fala cenário, logo se imagina o que o mesmo possa representar em termos de comprimento, largura e altura, assegurando assim um espaço que possa abrigar determinado instrumental, possibilitando a ritualização da atividade cênica.

Por outro lado, entendemos que qualquer espaço, para tornar-se significativo ao homem, precisa ser demarcado concreta ou imaginariamente, e no qual uma ordem específica é vivenciada, que, portanto, lhe concede significação. Uma ordem interna estabelecida, em oposição ao espaço externo, muitas vezes vivenciado de forma desordenada.

O cenário terapêutico ocupacional deve desta maneira, ser um espaço evidentemente dotado de dimensões estratégicas, contendo instrumentos que deverão também ser tomados como espaços em si mesmos: a mesa, as cadeiras, a tela, o cavalete, os tubos de tintas, as prateleiras, etc. são instrumentos-espaços e definem os aspectos anatômicos e geográficos do cenário terapêutico ocupacional. Anatômicos porque à semelhança de um organismo, reúnem-se para a formação do todo; geográficos, na medida em que estas partes delimitam territórios dentro do continente maior e portanto definindo uma forma particular de circulação dentro deste “Espaço-Continente”.

A casa, o palco, o templo, o quarto, o campo de futebol, etc. se configuram em espaços delimitados aos quais o homem atribui significados.

No cenário terapêutico ocupacional, a mesa, a tela, os tubos de tintas, o tabuleiro de jogos, a folha de papel, o tear, o tecido, etc. adquirem significados, já que através deles o paciente expressa veemente sinceridade e despojamento, nos quais suas fantasias e fantasmas ganham materialidade, podendo assim ser enfrentados e dominados. Esses instrumentos-espaços quando retirados da “Inércia”, vêm por sua vez colocar em movimento quem ousa tocá-los ou transformá-los, convertendo assim um desejo, uma vontade, em objeto esteticamente observável por si e por aqueles que comungam daquele espaço.

A “Cena-Evento” ali representada de forma ritual apresenta-se estruturada em relação ao espaço, cujo ponto central é “uma mesa com cadeiras”, ponto por excelência gerador de movimentos centrípetos. O movimento ali deflagrado empresta ritmo à

preexistente harmonia contida naquele espaço. Desta forma, o cenário terapêutico ocupacional adquire uma “fisionomia estético-sensorial”, convertendo-se então em espaço de natureza provocativa no qual fenômenos e fatos são vivenciados e portanto sujeitos a um registro.

O som, a luz, as cores, as formas, o odor, os sólidos, etc. traçam linhas reais ou imaginárias que demarcam o campo de ação e interação possibilitando-se assim, modulá-lo, aquecê-lo, ativá-lo, possuí-lo.

Convém, assinalar o que nos diz Nise da Silveira sobre a questão do espaço e sua relação com a psicose: “O que causa o delírio e a alucinação é, sobretudo, a aproximação excessiva do objeto. Eu observava nas pinturas dos doentes que os objetos estavam tão próximos, que quase se superpunham.”

É de se notar que a Terapia Ocupacional cumpre uma função compensatória através de “linguagens outras”, pelo fato de processar-se em espaço significativo, num tempo mítico e repetindo um modelo de criação.

Este cenário, possuindo propriedades que lhe são inerentes, promove o conhecimento e reconhecimento principalmente do que perceptivamente era experienciado de forma caótica e indiferenciada, cumprindo assim uma função ordenadora.

Observemos o que diz Freud: “A consciência passa pela percepção.”

Estas propriedades conferem ao cenário terapêutico ocupacional um valor simbólico, portanto organizador e exploratório. Vejamos algumas delas:

1 – Conformidade

*“De modo que meu espírito
Ganhe um brilho definido
E eu espalhe benefícios
Tempo-Tempo-Tempo-Tempo.”*
(Caetano Veloso)

Propriedade através da qual as partes passam a conceber e definir o todo, articulando-se entre si. Nesta concepção uma certa organização é visualizada permitindo assim uma fotografia do todo e não das partes.

Este recinto, comumente quadrado, e os instrumentos nele contidos devem, numa combinação harmônica, imprimir uma forma cujo objetivo é promover impressões relacionadas com estrutura, ordem, lugar.

Diz-nos Micea Eliade: “O lugar nunca é escolhido pelo homem, ele é simplesmente descoberto por ele.”

Ao contrário de cenários destituídos de harmonia, que provocam distanciamento, afastamento, acentuam fragmentação, portanto não referendam, não integram, não acolhem, cenários harmonicamente constituídos convidam à ação e à interação, ao convívio. Esta referência externa ordenadora, vem contrapor-se à experiência interna de dissociação e desmanchamento vivida pelo psicótico.

O quadrado é tido como um dos quatro símbolos fundamentais, juntamente com o centro, o círculo e a cruz. Sendo um plano ancorado em quatro lados, simboliza a interrupção, a parada, a retenção do instante, implicando também uma idéia de solidificação e até mesmo de estabilização. Quero lembrar que muitos espaços significativos, tais como altares, templos, praças, casa, quarto, tendem a uma forma quadrangular. Em termos simbólicos o “quadrado” é algo que engloba, protege, sustenta. Para Eliade “representa um lugar reservado aos processos dinâmicos de transformação e renovação, determinado pela necessidade, de inviolabilidade do seu campo de ação”.

É neste lugar-espaço harmonicamente constituído, concreto, real, que o paciente é arrastado para o espaço do sonho, que o estimula e incita, e no qual as coisas ora se fundem e ora se confundem. É como se aqui tudo fosse possível.

Pintando, modelando, jogando, tecendo, escrevendo, o paciente penetra nas suas projeções, atravessando assim o espelho. Neste espaço a ritualização do passado e a simulação do futuro justapõem-se às novas percepções da pessoa. Ouvi certa vez, e isto não é raro, de um paciente o

seguinte comentário: “Luiz, jamais pensei em fazer tal coisa. Achava que não dava pra isso. De onde fui tirar essa idéia?”. O comentário era sobre pintura e o conteúdo nela expresso. A experiência parecendo-lhe então inédita, provocou-lhe um misto de impacto, surpresa, medo e gratificação.

Este espaço que se revela à pessoa sob uma ou outra forma, na verdade trata-se de um espaço organizado, cosmicizado, quer dizer, provido de um centro, servindo então de muralha e defesa mágica contra desordens e confusões inerentes a um espaço caótico, não propício à criatividade e o sonho. Na verdade um espaço significativo, como que “sagrado”, é sempre resultado da conversão de espaço não significativo, dito, portanto “profano”. E sua condição para assim tornar-se, decorre também, dos cerimoniais ali celebrados e das emoções então suscitadas por este conjunto. Recentemente vejo um paciente que é ator e pianista, porém muito grave. Sua família queixa-se de ele não tocar piano há muito tempo e de que quando o faz é de forma muito rápida. Constatamos que o seu piano encontrava-se no quarto que a sua mãe dorme, separada do pai. Lugar entulhado de objetos, de difícil circulação e clima sombrio. Por sua vez em tempos atrás o paciente solicitou de sua família que preparassem um quarto abandonado, localizado nos fundos da casa, para que pudesse assim ali ficar, tocar e fazer suas coisas, no que não foi atendido.

A partir deste fragmento biográfico, entre tantas coisas, podemos inferir o quanto o paciente se debate na busca de encontrar um espaço que lhe pareça significativo, determinante e onde possa exercer-se.

2 - A mesa como ponto central e determinante de um ritual

*“Que sejas ainda mais vivo
No seu do seu estribilho
Tempo-Tempo-Tempo-Tempo
Ouve bem o que te digo.”
(Caetano Veloso)*

O homem está sempre perseguindo o desejo de achar a si mesmo e sem esforço, ou seja, superar de maneira natural a condição humana, a condição anterior à queda. Essa dimensão do humano vem

definir o que o paciente possa vir a conquistar com a vivência de um processo terapêutico. É como que, simbolicamente, a pessoa estivesse num labirinto de cujo centro se encontra perdido. Um processo terapêutico que pretenda ser bem-sucedido reside no fato de levar a pessoa a procurar e achar o centro.

Em Terapia Ocupacional, ainda no que se refere às propriedades espaciais do seu cenário, a “mesa”, enquanto objeto concreto e simbólico, vem ocupar um destaque e essencialidade, na medida em que vem conferir uma significação ao cenário terapêutico. É portanto, um espaço inserido em outro espaço, que, por sua localização geográfica ou imaginária, determina o “centro” do espaço maior, promovendo uma ligação com a periferia, relacionando-se portanto este cenário com espaços ritualísticos: assim, a mesa na Terapia Ocupacional configura um “ponto” em torno do qual se estrutura um ritual. Ritual que tem como característica básica a reunião em torno deste ponto, gerador de movimentos centrípetos e centrífugos em relação a si próprio, ou seja, movimentos de aproximação e afastamento. É de se notar que os pacientes sentem-se atraídos por este ponto, aglutinando-se em torno dele e numa atitude de reconhecimento e recitação, inicialmente conversam ou mesmo silenciam, como que esperando que algo seja anunciado. A exemplo de certos rituais, esta anúncio introdutória tem relação com a pessoa do Terapeuta Ocupacional, que traz, que introduz uma atividade num gesto de proposição e decretação de um “ritual expressivo e renovador”. A mesa, portanto, encarna-se como “espaço criativo”, lugar onde a “criação” pode ter início, já que este lugar vem também significar um “lugar de ruptura” com um tempo e espaço vivenciado sem significação. O acesso a este lugar equivale a uma iniciação, já que à existência sem significação que o antecedia sucede uma nova existência, real, durável, eficaz, porque significativa.

O itinerário que conduz a este “centro” está permeado de obstáculos e que tão bem se encontram desenhados nas circunvoluções, muitas vezes complicadas e confusas, que o paciente exerce para nele ancorar-se. Podendo, a exemplo do “labirinto”, adentrá-lo e dele regressar, tendo o “centro” deste como “marco e guia”.

Deste “centro”, fonte de energia e vida, emanam processos criativos, instauradores de uma

nova realidade, símbolo de integração regenerativa. É como se este “centro”, este “microcosmo”, pudesse ser identificado como “centro do mundo”, e que remete, portanto, à coletividade.

Concretamente, a mesa se dispõe também ao apoio e sustentação à ação expressivo-criativa, e na qual a “mão” e “seus comandos” têm papel decisivo, para início e conclusão da manifestação criativa.

Determinando o princípio, foco de intensidade dinâmica, a mesa converte-se em ponto concentrador de energia, lugar privilegiado ao encontro e coesão das diferenças, de onde brotam as possibilidades de projetos e acordos. Não é raro diante de uma dificuldade ou desacordo as pessoas nele envolvidas mutuamente se convocarem a “sentar à mesa”. Lugar promovedor “do olho a olho”, “do cara a cara”, é porém foco de onde parte o movimento da unidade rumo à multiplicidade, do interior para o exterior, do não manifesto para a manifestação. Em Terapia Ocupacional, este objeto cumpre esta função convocatória que sua disponibilidade e força inspiram. É um objeto que está ali disponível.

Poderíamos seguir discorrendo sobre as evocações que a mesa pode suscitar: de refeição, comunhão, banquete, liturgia, rituais por excelência fomentadores de união e vida para os indivíduos e a sociedade. Sendo estes rituais também rituais reparadores, instauram entre os indivíduos e nos indivíduos novas formas, relação e produção. Em Terapia Ocupacional observo e detecto isto, no meu cotidiano cuidando de pacientes psicóticos.

Observem o que dizem Milton Nascimento e Chico Buarque no seu “Cio da Terra”:

*“Debulhar o trigo
Recolher cada bago de trigo
Forjar do trigo o milagre do pão
E se fartar de pão*

*Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, propícia estação
E fecundar o chão. ”*

E agora Willian Blake: “Aquilo que agora se prova foi antes apenas imaginado.”

Comumente observo pacientes esponta- ne-

amente se aglutinarem em torno da mesa com intuito de única e exclusivamente compartilhar de uma conversa, uma discussão, uma recitação, deixando ali impressas algumas de suas marcas: as mesas de Terapia Ocupacional estão sempre povoadas de desenhos, rabiscos, nomes, grafites como se fossem códigos secretos à espera de codificação e leitura, denotando assim a existência também de uma trama enigmática, resultado da experiência de “estar juntos”. Estes códigos entendidos como fala, como palavra, como discurso, ou seja, como comunicação, a mesa presta-se também a este fim, convertendo-se em suporte a todas estas falas.

Se ela por um lado converte-se em espaço aglutinador, por outro lado converte-se em espaço de demarcação e separação. O lugar da direita, o da esquerda, o do lado de lá, o do lado de cá etc.; imprimem uma noção de especialidade por certo harmonizadora e rítmica.

3 – Terapia Ocupacional - A dimensão do tempo

*“Pretendo descobrir no último momento
O tempo que refaz o que desfez
Que recolhe todo o sentimento
E brota no corpo outra vez.”*
(Critovão Bastos – Chico Buarque de Holanda)

A dimensão “tempo” encerra também significação em razão de como é vivida. Na Terapia Ocupacional esta dimensão está imposta e implícita conferindo-lhe importância e significação. Se um espaço significativo se configura como ruptura com um espaço que não encerra significação, aquilo que no seu interior se realiza, se celebra, marca também uma ruptura com a duração temporal, já que não é o tempo corriqueiro que agora representa, mas trata-se de um tempo, cuja vivência está marcada pela realização de eventos que encerram significação: tempo no qual o paciente se reverte, recupera-se e se reconcilia com outras experiências temporais, quer das dimensões passada ou futura.

O tempo entre um encontro e outro, obedecendo assim a uma periodicidade, bem como a sua duração, caracterizado por algo que se inicia e completa-se, vem simbolizar também o tempo expressivo-renovador, através do qual o

paciente se recria e se regenera. É o tempo criando-o novamente. A abertura dessa “janela do tempo” provoca aberturas de novas e fecundas janelas de ligação temporal. A exemplo disto, poderíamos refletir sobre a solicitação de alta que os pacientes nos fazem. Geralmente nos dizem coisa desta ordem: “Quando terei alta, pra poder voltar a estudar? Acho que estou ficando bom. Já consigo ir sozinho ao cinema. Antigamente pra mim o dia não tinha fim. Tinha até medo de dormir.”

Esta experiência cíclica relacionada ao tempo vem inserir o paciente numa dimensão mítica, na qual compartilha de um momento criativo de uma realidade.

Através de sua canção, Ivan Lins nos situa:

*“No novo tempo
Apesar dos castigos
Estamos atentos
Estamos mais vivos
Pra nos socorrer
No novo tempo
Apesar dos perigos
Da força mais bruta
Estamos na luta
Pra sobreviver.”*

Inferimos daí que o tempo vivido de forma processual e significativa em Terapia Ocupacional vem servir como garantia para o reingresso do paciente em experiências temporais não significativas e assustadoras, podendo com elas estabelecer algum grau de vínculo e intimidade. Para pacientes psicóticos, um tempo que lhe foge à regra é sempre objeto de medo e pânico, portanto recusa. Podemos citar como exemplo todos aqueles tempos que estão fora ou à parte dos seus rituais psicóticos: um tempo vivido na rua, no ônibus, na praia, etc. Normalmente essas experiências temporais que se tornam objeto de evitação têm uma relação com a vivência de rituais que são celebrados na dimensão do coletivo.

Lembramos que qualquer processo evolutivo pressupõe movimento, dinâmica, confronto através do tempo. Certa vez ouvi de um paciente o seguinte:

“A Terapia Ocupacional é uma ‘pilastra’ na minha vida. Pilastra que me faz crescer. A vida é uma passagem de tempo até a morte.”

De outro: “A Terapia Ocupacional é uma forma de passar o tempo, pensando na vida. A pessoa não pode estar ocupada com coisas bobas.”

Conclusão

Vemos com isso, que este confronto que se efetua na ordem do espaço e do tempo obriga o paciente a elaborar uma narrativa, uma recitação sobre si mesmo. Recitação sobre um “Eu” presente, referente, que tende a se contrapor a um “Eu” anterior, a um “Eu” de antes. É pois um “Eu” que narra o “Eu” que “foi e que está sendo”.

Neste campo de jogo e de lances o Terapeuta Ocupacional é também um narrador, ampliando o âmbito de participação daqueles que do jogo participam e entendendo em grande medida, o “raio de ação ritual”.

A tríade: Paciente-Terapeuta-Atividade, parece assim representar em contexto simbólico e ordenador, um estado de transição criativa, um estado de movimento para a maturação e a integração.

A imagem do trio, triádica, do três, alude a movimento, ritmo, mutação através da tensão, do conflito, inerente ao confronto dialético da tese e da antítese, desdobrando-se na síntese. Que em Terapia ocupacional encontra-se marcada na “forma” e na “produção” resultante de um processo. Poderíamos seguir refletindo sobre os acontecimentos, fatos, papéis, eventos que o campo e o solo terapêutico ocupacional produz.

Referências Bibliográficas

- BION, W. R. Experiências Com Grupos: Os Fundamentos Da Psicoterapia De Grupo. 2ª ed., São Paulo, Imago/EDUSP 1975.
- BOAL, A. Os seres humanos, a paixão e o tablado. Gradiva, nº 46, março-abril/90, SPAG, Rio de Janeiro.
- CHEVALIER, J. E GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos. 4ª ed., Riode Janeiro, José Olímpio, 1991.
- ELIADE, M. O sagrado e o profano: a essência das religiões. S-Livrosdo Brasil – coleção vida e cultura.
- _____. Tratado de história das religiões. Lisboa, edições-Cosmos, 1990.
- HERRMAN, F. Clínica psicanalítica: a arte da interpretação. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- LEAL, L. G. P. Reflexões em torno de aspectos míticos da Terapia-Ocupacional – III Encontro de Terapeutas Ocupacionais em Saúde Mental em Porto Alegre. 25–27/de 1989 - mimeografado.
- MANNONI, M., Um lugar para viver. 1ª ed. Lisboa, Moraes Editores, 1978.
- MATTHEWS, J. À mesa do Santo Graal. São Paulo, Siciliano, 1989.